

A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE CELSO FURTADO

| *André Tosi Furtado*¹, *Diego Rafael de Moraes Silva*²,
*Altair Aparecido de Oliveira Filho*³ e *Edgar Barassa*⁴

Este dossiê comemorativo reúne os trabalhos que resultaram das apresentações feitas durante um evento organizado pelo Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociência e pelo Instituto de Economia da Unicamp em homenagem a Celso Furtado por ocasião dos dez anos do seu falecimento. O objetivo do evento foi chamar a atenção para a grande atualidade das ideias desse pensador e economista do desenvolvimento, que continuam sendo extremamente pertinentes para entender os desafios colocados às sociedades contemporâneas pelos grandes problemas da atualidade.

O contexto

O pensamento sobre o desenvolvimento econômico surgiu como um promissor ramo da ciência econômica durante o pós-Segunda Guerra Mundial. Um conjunto de autores — principalmente norte-americanos e europeus, mas também latino-americanos e de outros continentes — passou a refletir sobre os problemas e desafios do desenvolvimento econômico e social de um vasto conjunto de países. Esses países, que tinham uma renda *per capita* muito inferior à dos países desenvolvidos ou industrializados — muitos deles haviam saído recentemente da colonização e/ou possuíam colossais problemas de pobreza —, foram denominados de subdesenvolvidos. Abordar os problemas sociais e econômicos que se colocavam a esses países exigiu que os autores dessa corrente, na maioria economistas, buscassem novas referências, que

foram logo além da tradicional teoria neoclássica. Os novos referenciais foram buscados pelo lado da teoria keynesiana, que previa um papel muito mais ativo ao Estado para que o sistema econômico não caísse em equilíbrio de subemprego.

O primeiro autor e pioneiro dessa corrente foi Rosentein-Rodan (1943), que não somente postulava a industrialização como caminho necessário para o desenvolvimento, mas também recomendava que ela seja planejada para tirar plenamente proveito das economias de escala e externas.

Portanto, no caso dos economistas do desenvolvimento, a presença do Estado se fazia necessária para que a economia saísse do círculo vicioso da pobreza (NURKSE, 1953) e para “promover a acumulação de capital, utilizar as reservas de trabalho excedentário, promover políticas de industrialização deliberada, reduzir o estrangulamento externo por meio da substituição de importações, e coordenar a alocação de recursos por meio da programação e do planejamento” (MEIER, p. 15, 2005).

Não cabe dúvida que tal avanço teórico somente ocorreu porque a teoria dominante ficara desguarnecida durante certo tempo, deixando que teses críticas à tão consolidada teoria das vantagens comparativas e favoráveis à industrialização deliberada prosperassem. Mas não tardou para que a teoria neoclássica voltasse a dominar a cena, conduzindo a chamada economia do desenvolvimento para um progressivo crepúsculo. Hirschman (1986) vê a teoria do desenvolvimento sofrendo crescente crítica por parte do pensamento único da teoria neoclássica, assim como da própria corrente marxista. A crítica mais demolidora veio pelo lado do *mainstream*, que, como coloca Sen (1983), ressurge com a própria crise do keynesianismo. Assim, a chamada segunda geração de economistas do desenvolvimento (MEIER, 2002) encontra-se quase completamente sob a influência da escola neoclássica.

A corrente estruturalista latino-americana, sem dúvida alguma, nunca mereceu muito destaque por aqueles que estudam a economia do desenvolvimento. Entretanto, esses autores trouxeram importantes e originais contribuições para pensar o desenvolvimento. R. Prebisch (1949) foi pioneiro em fazer, praticamente ao mesmo momento que H. Singer, uma demonstração cabal de que a especialização em setores de baixo dinamismo tecnológico (matérias-primas) constituía uma clara armadilha que aprisionava os países subdesenvolvidos em uma trajetória de menor dinamismo econômico. Contudo, um passo adicional é realizado por Celso Furtado (1963) quando ele especifica que essa dinâmica divergente do desenvolvimento econômico entre os distintos grupos de países era uma característica central do capitalismo desde a revolução industrial. De tal modo que o subdesenvolvimento constituía em um processo autônomo, distinto do desenvolvimento.

Nesse aspecto, Furtado rompe com o modelo “faseológico” que estava explicitamente ou implicitamente colocado quase em todas as versões da teoria do desenvolvimento, de acordo com o qual, o subdesenvolvimento deveria ser considerado como sinônimo de sociedade tradicional e pré-industrial, ou um estágio pelo qual teriam passado os países atualmente desenvolvidos.

1. Professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Unicamp.

2. Doutorando do programa de pós-graduação em Política Científica e Tecnológica da Unicamp.

3. Doutorando do programa de pós-graduação em Política Científica e Tecnológica da Unicamp.

4. Doutorando do programa de pós-graduação em Política Científica e Tecnológica da Unicamp.

Essa dinâmica divergente entre subdesenvolvimento e desenvolvimento atribuía-se à especialização dos primeiros na produção e exportação de matérias-primas, que moldou uma sociedade capitalista, porém sem industrialização, onde parcela principal do excedente, apropriado pela classe dominante, era destinada ao consumo suntuário. Essa característica do modelo de acumulação dos países subdesenvolvidos moldaria a própria trajetória do desenvolvimento mesmo na etapa posterior de industrialização. Não há como negar, a esse respeito, a paternidade dos pioneiros dos países desenvolvidos, como R. Nurkse, que acertadamente observara que uma ampla imitação dos padrões de consumo americanos por parte das elites dos países subdesenvolvidos levava a que, nesses países, se manifestasse uma forte propensão ao consumo e uma baixa taxa de poupança, constituindo-se em obstáculo importante ao desenvolvimento.

Essa tese do efeito demonstração do consumo será retomada por Furtado para definir a sua tese sobre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento.

Graças à enorme força dos meios de propaganda e comunicações, os hábitos de consumo vão na frente, como o carro dos bois. Há em razão disso motivos para crer que o desenvolvimento espontâneo de países subdesenvolvidos atuais se realiza a um ritmo muito inferior ao que seria de esperar das potencialidades dessas economias e do progresso alcançado pela técnica. (FURTADO, 1954, p. 346)

Esses desdobramentos do efeito demonstração são tão mais deletérios quanto maiores os desníveis de renda entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. O remédio para a superação de tais problemas não estaria apenas nas forças de mercado, que se revelariam insuficientes para dar conta da complexidade de problemas representada pelo subdesenvolvimento, mas em um maior grau de intervenção na economia por parte do Estado no sentido de otimizar seu potencial de crescimento.

O tipo de sistema econômico constituído nos países subdesenvolvidos era de uma estrutura híbrida em que conviviam partes que estavam inseridas no sistema capitalista enquanto outras se mantinham de acordo com a estrutura preexistente. O problema era que essa estrutura heterogênea tendia a se perpetuar e não a ser progressivamente eliminada como preconizava a tese do *trickle-down effect* postulada por autores do desenvolvimento tais como Lewis (1954).

Pior, o que distingue o subdesenvolvimento do desenvolvimento é que este último é um processo de transformação endógena motivada pelo investimento capitalista em inovação, enquanto o primeiro decorre de transformações

induzidas externamente por meio do comércio com os países desenvolvidos. Como coloca Furtado: “O equívoco da Ciência Econômica tradicional, e este respeito, deriva de não se levar em conta que o processo de desenvolvimento por indução externa é distinto do processo clássico de formação das economias capitalistas europeias” (FURTADO, 1963, p. 196).

A estrutura socioeconômica perpetua sua heterogeneidade, quando não a agrava com o processo de acumulação capitalista. Contudo, essa mesma estrutura social, por meio do mecanismo do consumo de demonstração, associaria distribuição desigual da renda com menor dinamismo econômico. Conquanto evidenciam-se, sob esse ângulo, que a estrutura de distribuição desigual da renda era uma razão para a perpetuação do subdesenvolvimento e não uma passagem necessária da acumulação capitalista, como adiantavam alguns dos autores clássicos do desenvolvimento tal como Kuznetz.

Essas ideias pioneiras do pensamento latino-americano acabaram sendo reencontradas em versões posteriores dos trabalhos sobre o desenvolvimento. Assim, Sen (1982) afirma que o pensamento sobre o desenvolvimento se concentrou demasiadamente sobre os aspectos econômicos, negligenciando os aspectos humanos. Outros autores, que criticaram o desenvolvimento, enfatizaram a falta do *trickle-down effect* e apontaram a forte concentração de renda associada à industrialização acelerada. Por outro lado, as correntes que vieram a partir dos anos 1980 enfatizaram a importância dos esforços tecnológicos e do capital humano para que os países avançassem no desenvolvimento econômico.

O próprio Banco Mundial e as demais instituições internacionais das Nações Unidas reconheceram que o conceito de desenvolvimento precisava ser ampliado. Assim surge uma preocupação crescente não apenas com o nível de renda *per capita*, mas com o padrão de desenvolvimento que define a forma como a renda é repartida no sistema econômico e como os segmentos mais pobres da população têm atendidas suas necessidades básicas (MEIER, 2002, p. 24). Nesse sentido, os autores latino-americanos — e entre eles Celso Furtado — sempre estiveram à frente de seu tempo, expressando sua preocupação com a necessidade de erradicação da pobreza como sendo o aspecto central do processo de desenvolvimento. Eles também enfatizaram, de forma ainda mais explícita, a necessidade de uma profunda mudança na estrutura de poder das sociedades capitalistas que se sedimentaram com a inserção dos países subdesenvolvidos na divisão internacional do trabalho, para que esse processo pudesse efetivamente se concretizar.

O pensamento latino-americano também postula que as transformações produtivas associadas à internalização da inovação nos sistemas produtivos dos

países menos desenvolvidos somente podem ocorrer quando forem acompanhadas por profundas modificações na forma como se distribui a riqueza nesses países (FAJNZYLBBER, 1989). Essas ideias estão sendo recuperadas por estudiosos que buscam entender o processo de *catching up* em países menos desenvolvidos (LUNDVALL *et al.* 2009; OYELERAN-OYEYINKA, B. & RASIAH, R., 2009). Portanto, o *catching up* e a industrialização retardatária somente logram ser bem-sucedidos quando precedidos por profundas transformações das sociedades dos países subdesenvolvidos, as quais potencializam o capital humano e o empreendedorismo tão fundamentais para a inovação.

A realidade da economia e das sociedades contemporâneas trouxe para o debate sobre o desenvolvimento questões cada vez mais complexas. A partir dos anos 1970, a questão ambiental e dos limites dos recursos naturais colocou novos desafios à temática do desenvolvimento. Questiona-se a viabilidade da universalização dos valores de bem-estar social do desenvolvimento econômico quando se determina mais precisamente os contornos dos limites ambientais. Nos anos 1990, surgiu com força o fenômeno da globalização que aumentou de forma acentuada a integração econômica e financeira entre os países. No presente século a transformação mais importante constitui a emergência da superpotência chinesa e com ela o deslocamento da produção e exportações industriais, que anteriormente era quase monopólio dos países desenvolvidos, para os países menos desenvolvidos.

O equacionamento do conjunto de desafios que a atualidade coloca à continuidade do desenvolvimento somente faz reforçar a centralidade da dimensão da questão sócio-redistributiva levantada pelo pensamento latino-americano e, em especial, por Celso Furtado. Essa questão possui uma dimensão internacional que foi percebida pelos economistas do desenvolvimento, mas também que é interna aos países subdesenvolvidos. O processo de globalização tem, entretanto, diminuído consideravelmente as diferenças sociais internas entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, fazendo com que os primeiros adquiram estruturas sociais crescentemente desigualitárias. Desta forma a problemática do desenvolvimento, que, antes, se restringia apenas aos países subdesenvolvidos, se estende cada vez mais aos países industrializados, para não mencionar os países anteriormente socialistas. Esses elementos tornam universais as temáticas levantadas pelos estudiosos do desenvolvimento.

A organização do evento

Tendo em vista a centralidade do pensamento de Furtado para a continuidade da reflexão sobre o desenvolvimento socioeconômico e o fato de que em 2014 completaram-se dez anos de seu falecimento, os alunos de pós-graduação do Programa de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociência da Unicamp tomaram a iniciativa de organizar um evento sobre a atualidade do pensamento de Celso Furtado em homenagem a esse grande economista e intelectual brasileiro. O evento contou com o apoio da coordenação do Programa de pós-graduação e da chefia do Departamento de Política Científica e Tecnológica, que aportou recursos financeiros para sua realização. A Unicamp, por meio do Faepex (Fundo de Apoio à Educação, à Pesquisa e à Extensão), também apoiou financeiramente o evento.

O evento foi concebido e organizado em quatro partes, que buscaram refletir sobre a importância das contribuições multifacetadas do pensamento e da personalidade de Celso Furtado. Cada uma das mesas abordou uma faceta específica da personalidade e do seu pensamento. Assim, a primeira, que possuía uma clara perspectiva biográfica, buscou refletir sobre a trajetória singular desse intelectual brasileiro que transitou entre o mundo da ação política e o acadêmico. A segunda mesa buscou explorar a importância de Celso Furtado para os estudos de história econômica brasileira. A terceira mesa se debruçou sobre a relação de Celso Furtado com a Cepal e com o pensamento estruturalista latino-americano. Já a quarta explorou a junção entre o pensamento histórico estrutural de Celso Furtado com as correntes que tratam da mudança técnica e de seu impacto na dinâmica capitalista.

O evento logo contou com o claro apoio do Instituto de Economia da Unicamp, que ofereceu os seus locais para abrigá-lo, além de se engajar na execução do projeto por meio da colaboração direta de seus docentes. O seminário “A Atualidade do Pensamento de Celso Furtado (1920- 2004)”, em memória aos dez anos de seu falecimento, foi realizado no dia 26/11/2014 no Auditório do Instituto de Economia da Unicamp como uma parceria entre essa unidade e o Instituto de Geociências da Unicamp.

Participaram do evento:

Mesa 1: A trajetória de Celso Furtado: da política para a academia

Luiz Felipe de Alencastro (Universidade de Paris-Sorbonne/FGV-EESP)

Rosa Freire d’Aguiar (Centro Celso Furtado)

Mediador: André Furtado (DPCT-Unicamp)

Mesa 2: História econômica brasileira e contribuições de Celso Furtado

Wilson Cano (Unicamp) | João Antônio de Paula (UFMG)

Mediador: Fernando Sarti (IE-Unicamp)

Mesa 3: Celso Furtado, Cepal e o pensamento estruturalista latino-americano

Ricardo Bielschowsky (UFRJ/Cepal) | Mauro Boianovsky (UnB)

Mediador: Paulo Sérgio Fracalanza (IE-Unicamp)

Mesa 4: A relevância do pensamento de Celso Furtado para o debate sobre a C&T e o desenvolvimento

Eduardo da Motta e Albuquerque (UFMG) | José Eduardo Cassiolato (UFRJ)

Mediador: Wilson Suzigan (DPCT-Unicamp)

A realização do evento foi um grande sucesso tanto pela larga audiência, que preencheu completamente o Auditório do Instituto de Economia, como pelo excelente nível das apresentações, muitas delas originais, e pela excelente qualidade dos debates que se seguiram.

Apresentação dos Artigos

As apresentações realizadas pelos palestrantes que participaram do evento resultaram em cinco artigos que formam parte desta edição especial em homenagem a Celso Furtado. Os artigos abordam aspectos complementares que permitem enfatizar a singularidade do pensamento desse grande intelectual brasileiro.

O artigo de Rosa Freire d'Aguiar — intitulado *Celso Furtado – um retrato intelectual* — realiza uma descrição da trajetória da vida intelectual e profissional de Celso Furtado. Este artigo fornece aos leitores uma oportunidade ímpar tanto para conhecer a trajetória de vida de Celso Furtado como para entender quais foram suas influências intelectuais e os enfoques de sua obra, a qual se destaca por sua discussão sobre desenvolvimento-subdesenvolvimento. Uma das grandes contribuições do artigo é analisar a vida profissional de Celso Furtado sob a ótica de três momentos distintos: a carreira na Cepal, a atuação política com o Nordeste e os anos de exílio de profícua produção teórica. No mais, após uma década do seu falecimento, a essência do pensamento furtadiano permanece com pujança na atualidade. Para a autora, as reflexões de Celso Furtado mantêm expressiva coerência no tratamento de temas que permanecem instigantes nos dias atuais, dos quais podemos citar: o subdesenvolvimento dos países latino-americanos, a esfera da cultura no processo de desenvolvimento e as consequências para os países periféricos do enfraquecimento

dos Estados nacionais no quadro da globalização, dentre muitos outros temas tocados por Celso Furtado em sua vasta obra.

Já Wilson Cano recupera em seu artigo, como o próprio título já diz, as principais contribuições de Celso Furtado sobre a história econômica do Brasil e o período recente, evidenciando a articulação do método histórico-estrutural à análise precisa da realidade latino-americana e brasileira. O exercício realizado por Cano identifica elementos particulares e originais da interpretação de Celso Furtado, os quais inauguraram uma nova forma de interpretar a especificidade do processo de desenvolvimento da periferia do sistema capitalista. Para tal, Cano elege treze temas que contam com as decisivas influências dos trabalhos de Celso Furtado. As discussões percorrem diversas subáreas da ciência econômica, bem como estão inter-relacionadas com outras áreas do conhecimento como a Cultura, a Ecologia, a Geografia, a História, entre outras. Com isso, ilustra a abordagem interdisciplinar característica de Celso Furtado.

Em seu artigo *Celso Furtado, a história e a historiografia*, João Antônio de Paula, por sua vez, discute o papel da história na obra de Celso Furtado. A dimensão histórica dos fenômenos econômicos foi incorporada pelo estruturalismo latino-americano, e essa dimensão se faz presente de modo especial no pensamento de Celso Furtado. Para o autor, se Furtado se tornou um grande e renomado economista foi por ter entendido, na esteira de John Stuart Mill, que para ser bom economista, não se pode ser apenas economista. É notória a habilidade de Furtado de navegar nos mais diversos mares do conhecimento em ciências sociais, tais como a ciência política, a geografia, a sociologia, a filosofia e, sobretudo, a história. O grande “problema” da pesquisa furtadiana, delineado já na sua tese de doutoramento de 1948, toca diretamente ao desejo de compreender o atraso brasileiro e a especificidade do subdesenvolvimento. A compreensão do subdesenvolvimento envolvia a necessidade de se levar em conta a estrutura global do sistema econômico e social, algo com uma presença marcante no pensamento de Celso Furtado.

No artigo *O papel da periferia na atual transição para uma nova fase do capitalismo*, Leandro Costa Ribeiro e Eduardo da Motta e Albuquerque revisitam a discussão sobre centro-periferia à luz do contexto atual (pós-crise 2007/2008). Buscam compreender quais são as mudanças na periferia, os impactos sobre o centro e, ainda, objetivam incorporá-las analiticamente dentro da interpretação de metamorfoses do capitalismo desenvolvida por Celso Furtado. Esta dinâmica é a responsável por conformar um espaço global com diversas “variedades de capitalismo” e um intenso movimento geográfico do capital que proporciona a heterogeneidade da periferia. Os autores analisam, por meio de um exercício

empírico apoiado em patentes e artigos, a forte heterogeneidade entre as nações periféricas e os esforços das mesmas em direção à superação do subdesenvolvimento (*catch up*). Contudo, ponderam que é possível perceber alguns novos elementos nessa relação, apresentando fluxos inversos, onde a periferia passa a influenciar o centro. Mas como mostra o constructo teórico de Celso Furtado a superação do subdesenvolvimento é um alvo em movimento, aonde os países desenvolvidos com o domínio da C&T ampliam continuamente a lacuna entre o centro capitalista e “as periferias capitalistas”. Assim, essa interpretação aproxima os trabalhos de Celso Furtado à perspectiva neoschumpeteriana.

De maneira similar, o artigo de José Eduardo Cassiolato e Helena Lastres, intitulado *Celso Furtado e os dilemas da indústria e inovação no Brasil*, empreende o esforço de discutir os desafios da endogeneização do progresso técnico na economia brasileira, a partir de uma releitura da obra de Celso Furtado e da literatura estruturalista latino-americana. O artigo se destaca por sua análise crítica e abrangente das principais transformações na estrutura produtiva brasileira, das quais podemos citar os aspectos referentes à desnacionalização, déficit estrutural na balança comercial e a baixa capacidade inovativa do país. Para esses autores existe uma convergência entre as formulações centrais de Furtado e dos neoschumpeterianos que remonta ao aspecto dual do sistema capitalista, qual seja: a ideia de que a evolução do sistema produz, por um lado, desenvolvimento sistêmico e virtuoso e, por outro, subdesenvolvimento. Assim, Cassiolato e Lastres retomam as reflexões de Celso Furtado sobre o desequilíbrio entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento. O artigo incorpora os elementos furtadianos em prol do debate sobre progresso técnico e inovação, iluminando a compreensão do processo de desenvolvimento e das especificidades e dilemas das economias periféricas.

Em suma, os artigos que compõe esta edição, resultantes de um evento comemorativo organizado pela Unicamp para os dez anos do falecimento de Celso Furtado, foram muito felizes em trazer uma percepção multifacetada da personalidade e do pensamento desse grande pensador brasileiro. De um lado, enfatiza-se a singularidade da trajetória desse grande pensador do desenvolvimento que transcende o mundo acadêmico e se projeta na esfera da ação política. Por outro, permitem entender apropriadamente as imensas contribuições do pensamento de Furtado para história econômica no país e para a compreensão das atuais crises do capitalismo. Esses artigos comprovam a atualidade do pensamento de Celso Furtado colocando-o em diálogo com as correntes mais atuais do pensamento econômico sobre o desenvolvimento. Só nos resta desejar uma profícua leitura aos nossos queridos leitores.

§

Referências

- FAJNZYLBER, F. Industrialización en América Latina: de la “Caja Negra” al “Casillero Vacío”. In: *Cuadernos de la Cepal*, Santiago, n. 60, 1990.
- FURTADO, C. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.
- _____. Formação de capital e desenvolvimento econômico. In: AGARWALA, A. N. e SINGH, S. P. (Orgs.). *A economia do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto e Centro Celso Furtado, 2010, p. 329-354. Primeira publicação em 1954.
- HIRSHMAN, A. *The rise and decline of development economics*. Development: Seeds of Change, Limits to Economics, 1986, p. 3-9.
- LEWIS, W. A. O desenvolvimento econômico com oferta ilimitada de mão de obra. In: AGARWALA, A. N. e SINGH, S. P. (Orgs.). *A economia do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto e Centro Celso Furtado, 2010, p. 413-462. Primeira publicação em 1954.
- LUNDEVALL, B.A.; VANG, J.; JOSEPH, K.J.; CHAMINADE, C.; e VANG, J. (eds.). *Handbook of innovation systems and developing countries*. Building Domestic Capabilities in a Global Setting. Cheltenham, UK, and Northampton, MA, USA: Edward Elgar Publishing, 2009.
- MEIER, G.M. The old generation of development economics and the new. In: MEIER, G.M. and STIGLITZ, J. (eds.) *Frontiers of development economics: the future in perspective*. 3ª Ed. New York: World Bank and Oxford University Press, 2002.
- NURKSE, R. *Problems of capital formation in underdeveloped countries*, Oxford: Blackwell, 1953.
- OYELERAN-OYEWINKA, B. & RASIAH, R. *Uneven paths of development*. Innovation and learning in Asia and Africa. Cheltenham, UK, and Northampton, MA, USA: Edward Elgar Publishing, 2009.
- PREBISCH, R. El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas. In: *Boletín Económico de América Latina*, vol. VII, n. 1, fevereiro 1962. Santiago de Chile: Cepal. Primeira publicação em 1949.
- ROSENSTEIN-RODAN, P. N. Problemas de industrialização da Europa do Leste e do Sudeste. In: AGARWALA, A. N. e SINGH, S. P. (Orgs.). *A economia do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto e Centro Celso Furtado, 2010, p. 265-275. Primeira publicação em 1943.
- SEN, A., Development: Which way now? In: *Economic Journal*, vol. 93, Issue 372, December, 1983, p. 745-762.